

Imperialismo e petróleo: a formação dos trustes e do cartel internacionais*

Ramon Casas Vilarino**

Resumo:

O tema deste artigo é a formação dos trustes internacionais de petróleo e do cartel formado no setor. Tendo em vista que a constituição de ambos é acompanhada pela ascensão do imperialismo, buscamos os principais autores deste último para amparar a análise e entender o processo de formação daqueles e seus pressupostos, com destaque para a obra de Lênin. Enfocamos, ainda, o processo de formação da Standard Oil Company, que se tornou o principal truste do setor e influenciou o destino de diversos países e povos, sobretudo os da periferia do capitalismo.

Palavras-chave: Imperialismo. Petróleo. Trustes. Standard Oil Co.

Introdução

Tema amplamente estudado, o imperialismo tem sido buscado como condição para se entender a configuração do mundo pós-Guerra Fria. Ainda que os estudiosos que guardam uma perspectiva mais crítica nunca o abandonassem, o conceito de imperialismo hoje é trabalhado até na grande imprensa, que, aliás, foi o segmento que cunhou esse neologismo no final do século XIX.

Foi, no entanto, no começo do século XX que os primeiros estudos sobre esse fenômeno apareceram, com a obra pioneira de Hobson, logo em 1902, seguida de outras, sobretudo marxistas, que avançaram na análise e vislumbraram naquele momento uma crise capitalista que poderia conduzir, como conduziu, a grandes catástrofes, por meio de guerras, ou até a processos revolucionários, como o da Rússia, em 1917. Dessa forma, Hilferding em 1910, Rosa Luxemburg em 1912, Lênin em 1916 e Bukharin em 1915, publicado em 1925, são alguns dos

* Os itens “O petróleo, a formação dos trustes e o cartel” e “A Standard Oil Co.”, com pequenas mudanças, foram retirados de minha tese de doutorado (Vilarino, 2006b).

** Historiador, cientista político, pesquisador do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS/PUC-SP) e professor do Instituto Sumaré de Educação Superior (ISES). End. eletrônico: ramoncv@ig.com.br

clássicos no estudo do imperialismo. Schumpeter, publicado em 1919 e Weber, em 1922, também se voltaram a esse estudo.

Para o período mais contemporâneo, autores como Hannah Arendt, Samir Amin, Octávio Ianni e Harry Madoff dedicaram-se, sob variados pontos de vista, ao mesmo tema, e, nesta última virada de século, James Petras e David Harvey o trouxeram como ferramenta de compreensão de nosso tempo. Guardadas as peculiaridades de cada um deles, tanto os clássicos quanto os mais contemporâneos, há basicamente duas características fundamentais do imperialismo com as quais todos concordam: trata-se da soberania do capital monopolista sob a égide do capital financeiro, e para satisfazer seu apetite de ampliação e mais acumulação, a violência, por meio de guerras e genocídios, pode ser utilizada a qualquer momento.¹

Devido aos limites deste artigo, o que nos força uma escolha, destacaremos alguns pontos da obra de Lênin, cuja exposição ajudará a compreender a formação dos trustes do petróleo e do cartel do setor até meados do século XX.

Lênin

A obra de Lênin (1982), escrita em 1916 (quando o autor encontrava-se exilado em Zurique), em meio, portanto, à I Guerra Mundial, é um esforço teórico de compreensão desse conflito, mas, para além dele, de sua causa maior, que é o imperialismo. Foi publicado em abril de 1917, ainda sob censura czarista. Uma guerra imperialista, como a de 1914-18, “de conquista, de pilhagem, de pirataria”, foi marcada “pela partilha do mundo, pela distribuição e redistribuição das colônias, das ‘zonas de influência’ do capital financeiro, etc ...”².

¹ A exceção é Schumpeter (1961). Escrito durante a I Guerra e publicado em 1919, “Sociologia dos Imperialismos” nega qualquer vínculo entre capitalismo e imperialismo. Para o autor, o imperialismo tem um “caráter atávico”, que se explica mais pelas eras remotas da humanidade e seu instinto de guerra do que pela necessidade de expansão para realização do capital. “É um atavismo da estrutura social, dos hábitos individuais psicológicos, de reação emocional”. (pp. 86 e 87) O capitalismo, além do mais, “é, pela sua própria natureza, antiimperialista”, e se há uma política imperialista em seu tempo, isso se deve mais a agentes externos ao capitalismo, “apoiados em fatores não-capitalistas da vida moderna”. (pp. 96 e 97) Ainda que não tenha lido o trabalho de Lênin, Schumpeter nega que o imperialismo seja uma fase do capitalismo ou mesmo que este se transforme num sistema imperialista. (p. 115) Reconhece a existência de cartéis e trustes, mas diz que estão fadados ao desaparecimento, e países como Inglaterra e mais ainda Estados Unidos, por terem o capitalismo mais avançado e poucas “reminiscências pré-capitalistas”, tem menos propensão ainda para tornarem-se países imperialistas. Com relação aos EUA, afirma ainda que o país tem uma natureza antibélica e pacifista, e dificilmente se aventuraria em guerras e invasões, e, como o imperialismo se explica mais pelo passado do que pelo presente, encerra sua obra, cujo objetivo foi mostrar “a antiga verdade de que os mortos sempre governam os vivos.” (p. 124)

² Prefácio de Lênin às edições francesa e alemã, escrito em 1920. In Lênin (1982: 9 e 10).

A I Grande Guerra ocorreu num momento em que o capitalismo ingressara em sua fase monopolista. Antes concorrencial, o capital transformou-se, e, na Europa, isso ocorreu no início do século XX (1982: 20)

Entre os anos 1860-1880, tivemos o “ponto culminante do desenvolvimento da livre concorrência.” Nesse período, os monopólios ainda eram embrionários. Após a crise de 1873, houve grande desenvolvimento dos cartéis, ainda que excepcionais. Lembremos que, nessa época, o primeiro e maior truste do petróleo estava também sendo gestado: a Standard Oil Company.³ Na virada do século, assim, “os cartéis tornam-se uma das bases de toda a vida econômica. O capitalismo se transformou em imperialismo” (1982: 22).

Como “o imperialismo é o capitalismo monopolista”, Lênin afirma que “o monopólio marca a transição do regime capitalista para uma ordem econômica e social superior”. Os monopólios, segundo ele, guardam quatro características fundamentais: nasceram da concentração da produção; conduziram ao controle das principais matérias-primas, aumentando, assim, o poder do grande capital; desenvolveram-se por meio dos bancos, e, por fim, os monopólios são ainda resultado da política colonial. (1982: 122 e 123)

Como os bancos tiveram papel fundamental na constituição dos monopólios, no caso do petróleo, por exemplo, veremos à frente que para a constituição da Standard Oil Co. e da Shell eles foram essenciais. Para Lênin,

Os poucos bancos que, graças ao processo de concentração, permanecem à frente de toda a economia capitalista, tendem, cada vez mais acentuadamente, para acordos de monopólios, para um truste de bancos. Na América, já não são nove, mas dois enormes bancos, os dos milionários Rockefeller e Morgan que reinam sobre um capital de bilhões de marcos (1982: 39 e 40).

Lênin retoma um ponto que Rosa Luxemburg não atentou. O processo de internacionalização do capital é intrínseco ao processo de realização (processo de reprodução ampliado de capital). O imperialismo, sendo uma fase do capitalismo e não uma política (pois se muda o governo, muda-se a política), é marcado pela concentração da produção e do capital, pela criação do capital financeiro, através da fusão do capital bancário e do capital industrial⁴, pela exportação de capitais que se sobrepõe à exportação de mercadorias e pela partilha total do planeta:

³ Ver os dois itens seguintes deste artigo.

⁴ Essa fusão não é sinônimo de uma mera aliança. Trata-se de um domínio do primeiro sobre o segundo.

O imperialismo é o capitalismo chegado a uma fase de desenvolvimento onde se afirma a dominação dos monopólios e do capital financeiro, onde a exportação dos capitais adquiriu uma importância de primeiro plano, onde começou a partilha do mundo entre os trustes internacionais e onde se pôs termo à partilha de todo o território do globo, entre as maiores potências capitalistas. (1982: 88)

O período de expansão das conquistas coloniais situa-se nas últimas quatro décadas do século XIX, sendo marcado pelo esgotamento do capitalismo de livre-concorrência e ensejando o capital monopolista, havendo também uma acirrada disputa e conclusão da partilha do mundo⁵. A partilha total do globo não significa que não haverá novas partilhas. Basta a relação de forças modificar-se, devido à desigualdade no desenvolvimento, a falências ou guerras, como a de 1914-18. Apesar de o planeta estar totalmente esquadrihado pelas potências da época, a guerra forçou um redesenho, a fim de contemplar as novas forças emergentes. Lênin cita o caso da indústria do petróleo, onde desde o início do século XX grandes monopólios disputam territórios para concentrar jazidas e guardá-las para futura exploração (1982: 69 e 70). Foi o caso da Standard Oil Co., de John Rockefeller, e da Shell, de Henry Deterding, e mesmo dos irmãos Nobel e dos banqueiros, também irmãos, Rothschild. Em 1928, com a formação do cartel internacional do petróleo, forjaram uma partilha que vigorou até fins dos anos 1950.

O capital monopolista, característica primordial dessa fase, distingue-se do capital concorrencial sobretudo porque incorporou poder. Assim, há uma aliança entre bancos, indústrias e governo, ou, poder financeiro, poder econômico e poder político, sem que eles estejam separados totalmente. “A ‘união pessoal’ dos bancos e das indústrias é complementada pela ‘união pessoal’ de uns e outros com o governo.” (1982: 41)

Para Lênin, a crise de 1900 provocou uma concentração maior de capital. A crise, em qualquer época, é caracterizada pelo excesso de liquidez, pois o capital acumulado em seu processo de reprodução não volta à produção, ficando concentrado como capital financeiro e buscando nova acumulação, e daí o financiamento de fusões, privatizações e sua reprodução como capital especulativo, improdutivo, fictício. “Deste modo, o séc. XX marca o ponto de partida de viragem em que o antigo capitalismo deu lugar ao novo, em que o domínio do capital financeiro substituiu o domínio do capital em geral.” (1982: 45)

⁵ Hilferding também afirma que “la política del capital financiero significa la expansión más enérgica y la caza contínua de nuevas zonas de inversión y nuevos mercados. (...) La expansión es el interés común de todo capital, y en la época del arancel proteccionista sólo es posible como expansión imperialista.” (1973: 389)

Esse capital financeiro, no entanto, definido por Hilferding (“um capital que os bancos dispõem e que os industriais utilizam”) como resultado da fusão entre o capital bancário e o capital industrial, não pode ser compreendido em sua totalidade se ficar silenciada a concentração da produção e do capital, o que deu origem ao monopólio: “O monopólio, logo que tenha se constituído e reúna milhões, penetra forçosamente em todos os domínios da vida social, independentemente do regime político e de todas as outras “contingências”. (Lênin, 1982: 56)

Para Lênin, a definição mais precisa para o imperialismo é exatamente “a fase monopolista do capitalismo” (1982: 87). E como mesmo a aliança entre os monopólios, como os do petróleo, não são duradouras, os conflitos e atritos entre eles devido à luta pela partilha do mundo não devem ser descartados, daí a possibilidade de guerras o tempo todo, onde se empregam as forças disponíveis, como a econômica, a financeira e a militar. (1982: 118)

O petróleo, a formação dos trustes e o cartel

A historiografia sobre o petróleo foi produzida em grande parte entre os anos 50 e 60. Há obras anteriores, desde os anos 30, por pioneiros preocupados com uma próxima guerra mundial e/ou motivados por conflitos específicos, como a Guerra do Chaco (1932-1935) e a nacionalização do petróleo em países como a Bolívia e principalmente no México (1938). Há obras posteriores, nos 70, no contexto do choque do petróleo e do aumento dos preços, que usaram como base as pesquisas pioneiras das décadas anteriores.

Há praticamente um consenso na historiografia sobre a importância do petróleo e quase que uma valorização demasiada, levando autores a entenderem que os interesses em seu redor teriam provocado guerras que muitos não desconfiavam.⁶ Um autor que se tornou referência escreveu em 1934 que suas pesquisas

convenceram-no de que quasi (sic) todos os sangrentos conflitos do nosso tempo, tôda a luta, tôda a inquietação e ânsia de hegemonia são, no fim de contas, provocados sempre por uns poucos e mesmos homens; e que o objeto dessas lutas são sempre uns mesmos e poucos fatores, cuja posse disputam entre si: trigo, ferro, algodão, e – petróleo; êste, mais que todos. (Zischka, 1936: 5)

Zischka não está só. Galarza (1970: 67) diz que “El mapa de los conflictos bélicos desencadenados por el Cártel Internacional del Petróleo se extiende a

⁶ Galarza (1970: 30 e 31) afirma que a posse do petróleo pode tanto escravizar quanto libertar um povo, e que a luta para possuí-lo teria provocado guerras mundiais, coloniais, revoluções, golpes de Estado etc. “La historia de este siglo es, a la vez, la historia del petróleo.”

todos los continentes.” Desta forma, aponta as guerras da Argélia contra a França, Biafra contra Nigéria e mesmo a do Vietnã, como exemplos de sua afirmação (p. 67 a 71). Acrescenta, respaldado por outros autores, que a Guerra do Chaco foi motivada pelos interesses antagônicos da Shell e da Standard Oil, e cita outro conflito em seu país, Equador, contra o Peru, em 1941, cujas causas teriam sido as mesmas. (p. 72 a 99) Bergier (sem data) também segue esse caminho, lembrando conflitos como o árabe-israelense e a instauração da ditadura na Grécia nos anos 70. Rasche (sem data: 155 a 158)⁷ também cita exemplos, como o conflito em torno da construção da ferrovia Berlim-Bagdá, que feria de morte o Império Britânico, pois também desembocaria numa região rica em petróleo. A I Guerra Mundial, para ele, foi resultado desse conflito. A II Guerra também teria no petróleo um motivo para o seu desencadeamento (Sem data: 158 a 160). “É a rapacidade dos Rockefeller e dos Deterding que cria as Venezuelas, os Orientes Médios – e os Hitlers.” (Rasche, sem data: 220)⁸

O petróleo era conhecido por povos antigos, no Oriente e no Ocidente, sendo usado de diversas maneiras, até como remédio ou mesmo como parte em rituais religiosos. Porém, foi na contemporaneidade que o homem deu-lhe um destino em meio ao capitalismo, industrializando e dando-lhe um valor comercial em escala global:

Com o petróleo, poderes do demônio saíram do seu esconderijo no seio da terra: começou a caçada ao dinheiro, o almejar irrequieto dos homens e das nações pela riqueza. Desde o primeiro dia da preparação industrial do petróleo até hoje, não existia nenhuma outra matéria-prima com a qual se podia ganhar tanto dinheiro tão fácil e tão rapidamente. Bastava sentar-se junto à fonte para poder transformar o petróleo em ouro líquido. A ciência fez surgir do petróleo cinco mil produtos diversos e cada um deles trouxe mais ouro. (Rasche, s/d: 14)

A historiografia registra 1858 como o início da pesquisa e da exploração do petróleo. Edwin Drake organizou naquele ano a Sêneca Oil Co. na Pensilvânia, e, com método semelhante ao de quem procura água (sistema de poços artesianos) – daí a lenda de que fora descoberto por acaso, quando se procurava água (Marinho Jr., 1989: 14) -, descobriu o primeiro poço de petróleo nos Estados Unidos na região

⁷ A tradução em português não possui data, porém, o prefácio do autor é assinado em 1951.

⁸ Ainda que possa haver uma valorização excessiva do petróleo como pedra de toque de todos esses conflitos, um clássico no estudo do imperialismo, Bukharin (1988: 48) afirma que a guerra é “um dos métodos de concorrência capitalista”, sendo, a guerra, “a lei imanente de uma sociedade chamada a produzir sob a pressão das leis cegas do mercado mundial que se desenvolve caoticamente – e não de uma sociedade capacitada para reger, conscientemente, o processo de produção.” Este também afirma que uma guerra só é imperialista se seu elemento determinante for o capital financeiro. (p. 98)

de Oil Creek, em 1859, com produção de apenas 25 barris diários, mas suficientes para comercializá-lo. Antes, em 1857, a Romênia já o explorava com sua primeira refinaria. Na mesma época, Canadá, Rússia e Birmânia também o faziam, porém, nos EUA, o acontecimento representou um marco, pois foram adotadas técnicas modernas de exploração, transporte (através de oleodutos) e comercialização, que depois se espalhariam para os demais países (Victor, 1970: 28)

Atraídas pelo “ouro negro”, pessoas das mais diversas atividades dirigiram-se para a região de Titusville, e, entre elas, aquele que fez do petróleo a base de um império particular: John Rockefeller. De um empréstimo de 500 dólares obtido em 1858, em 1865 possuía 50 mil dólares; em 1870, com a fundação da Standard Oil Co. of Ohio, o capital era já de um milhão; quinze anos depois, cem milhões, em 1900, um bilhão, e, em 1910, às vésperas da dissolução do truste pelo Ato Sherman, nos EUA, Rockefeller tinha um capital na Standard de dois bilhões de dólares.⁹ (Galarza, 1970: 33)

No final do século XIX, portanto, os EUA tinham a maior indústria petrolífera do mundo. Além da Standard de Rockefeller, em 1901 surgiram dois concorrentes: a Gulf Oil Co. e a Texas Oil Co. (Texaco). A Gulf pertencia a Andrés Mellon, ex-Secretário do Tesouro e ex-Embaixador dos EUA em Londres, o que facilitou a expansão mundial do truste. Já a Texaco, associada à Casa Morgan, cresceu devido a seus vínculos políticos e financeiros. (Galarza, 1970: 34)

No começo do século XX, portanto, segundo Galarza, havia nos EUA um “pentágono petrolífero”, formado pela Standard Oil Co (que por conta da lei antitruste se dividiu em Standard Oil of New Jersey, Standard Oil of New York e Standard Oil of Califórnia), pela Gulf e pela Texaco, “dentro de cujo marco de hierro irían cayendo numerosos pueblos y centenares de millones de hombres de todas las razas.” (Galarza, 1970: 34)

Além dos EUA, havia também a segunda força mundial do petróleo, a Inglaterra, com a British Petroleum e a empresa anglo-holandesa Royal Dutch-Shell. A primeira era controlada pelo governo¹⁰, a segunda foi resultado da fusão da Royal Dutch, fundada em 1890 para explorar petróleo nas Índias Holandesas, e da Shell Transport and Trading Co., dedicada ao transporte de combustíveis.

⁹ Para mais informações sobre a Standard Oil Co. e seu fundador, John Rockefeller, ver item seguinte deste artigo.

¹⁰ A este respeito, Lênin aponta a interpenetração dos monopólios privados e de Estado. Ainda que se referisse à Alemanha, suas afirmações cabem com relação à participação do Estado inglês na BP (British Petroleum) e na Shell: os monopólios estatais nunca tiveram por resultado oferecer vantagens aos consumidores ou mesmo proporcionar lucros ao Estado, mas socorrer empresas privadas ameaçadas pela falência e mesmo somar forças na luta imperialista para partilhar o mundo. (1982: 71)

Esta união deveu-se à tentativa de Rockefeller em absorver ambas, de modo que a fusão evitaria a incorporação e fortaleceria a posição de seus dirigentes, Henry Deterding – o “Napoleão do petróleo” –, da Royal, e Marcos Samuel, da Shell. Estes aproveitaram a “benção” dos banqueiros Rothschild, que queriam evitar a penetração da Standard nos mercados da Europa e da Ásia, onde os irmãos possuíam riquezas petrolíferas que abasteciam principalmente a Europa ocidental.¹¹ (Victor, 1970: 47) Em 1900, a Royal Dutch comercializou 42 mil toneladas de petróleo; unida à Shell em 1907, obteve em 1929 a marca de 25 milhões de toneladas produzidas e transportadas. (Marinho Jr., 1989: 26 e 27)

La Royal Dutch Shell y la BP [British Petroleum] se han unido frecuentemente para librar juntas la guerra contra los emperadores norteamericanos del petróleo. Porque desde el comienzo se trató de una verdadera guerra, en el mejor estilo de las películas gangsteriles de Estados Unidos. Los motivos de los choques han sido principalmente dos: la posesión de los recursos petrolíferos y la captura de los mercados internacionales. El escenario de esta guerra fue el mundo entero y los soldados victimados, casi todos los pueblos. (Galarza, 1970: 35)

O fortalecimento dessas empresas foi estimulado pelo crescimento econômico e pela importância que o petróleo ganhou na contemporaneidade. Com a I Guerra Mundial, ficou claro que esse produto não poderia faltar a nenhum país que pretendesse estabelecer posições de vantagem sobre outros. “O petróleo chegou a ser uma grandeza autônoma, a ‘sexta grande potência’ que tomou parte na direção do destino do mundo, dos povos e das gentes.” (Rasche, s/d: 15) Assim, houve também o incremento dos governos dos países centrais para a expansão desses trustes pelo mundo, com ações decisivas para o sucesso deles. Ainda que algum governante em particular fizesse restrições a um ou outro truste, havia a percepção de que a indústria do petróleo tornara-se estratégica para os interesses econômicos, de defesa e de soberania dos países. Quando não o apoio explícito, ocorria a influência do truste diretamente sobre funcionários e agências governamentais na defesa de seus interesses mais imediatos. A Standard Oil tornou-se exemplar nestas práticas.

O Conselho Nacional de Petróleo norte-americano (National Petroleum Council), criado em 1946, assegurava uma ligação com o governo. “Único ‘lobby’ representativo dos interesses privados de caráter oficial”, seus membros eram indicados pelo American Petroleum Institute e pagos pelas companhias que “os

¹¹ Lênin (1982: 29) afirma que “se não tomarmos em conta a função dos bancos, então, apenas teremos uma noção extremamente insuficiente, incompleta, limitada do efetivo poderio e do papel dos monopólios.”

empregavam e os fizeram seus delegados ao mesmo tempo”. (O’Connor, 1959: 153 e 154)

Charles Hughes, candidato derrotado à presidência dos EUA em 1916, presidente da Suprema Corte e secretário do Exterior, foi, à sua época, o principal conselheiro jurídico da Standard. (RASCHE, sem data, p. 19) No governo de Eisenhower, um cunhado de Rockefeller e presidente do Chase National Bank, Winthrop Aldrich, foi nomeado embaixador em Londres em 1952 (Tanzer, 1972: 75), “onde poderia defender os interesses da Standard Oil e assegurar o contato com seus rivais britânicos” (O’Connor 1959: 161); na Marinha, maior consumidor de petróleo dos EUA, a Secretaria ficou também com outro homem da Standard, que conseguiu um abatimento fiscal de 27,5% para que a indústria petrolífera “reconstituísse as reservas”; e no Departamento de Justiça, Herbert Brownell defendeu publicamente o abrandamento da lei antitruste (O’Connor, 1959: 161).¹² Para Tanzer (1972: 74 a 76), há testemunhas que atestam que John Foster Dulles, o secretário de Estado de Eisenhower, foi o membro principal da firma jurídica da Standard Oil of New Jersey (a Sullivan e Cromwell).¹³ Para Frondizi, as empresas do setor tornavam-se executoras da política internacional de seus países:

Quando las empresas petroleras no puden vencer por sus propios médios los obstáculos que se oponen a sus designios, los estados nacionales de las mismas intervienen prestándoles amplio apoyo con todo su aparato militar y diplomático, a fin de que sus empresas consigan lo que se proponen. De esta manera, las empresas petroleras dejan de ser entidades industriales con objetivos puramente comerciales, para convertirse en elementos importantes de la política internacional de sus respectivos Estados. (1956: XVIII)

Segundo Tanzer (1972: 29), ex-funcionário da Standard Oil of New Jersey, onde exerceu a função de economista, os EUA é o governo mais importante para a indústria petrolífera por abrigar cinco das sete maiores empresas do setor. Admitindo e elencando vários exemplos de influência governamental a favor das companhias de petróleo, afirma que os governos centrais ocidentais interferem a favor delas devido à necessidade de assegurar suprimentos energéticos vitais;

¹² Segundo Hilferding (1973: 417), “La clase capitalista toma posesión de la organización estatal directamente, de un modo descarado y palmario, y la convierte en instrumento de sus intereses de explotación en una forma que incluso es perceptible hasta para el último proletario (...)”

¹³ Para mais nomes vinculados às empresas petrolíferas dos EUA e da Inglaterra aos seus respectivos governos, ver Tanzer (1972), principalmente capítulo V. A historiografia, no entanto, costuma fartar-se com estas fontes, de maneira que dificilmente um livro não traga algumas destas referências.

querem minimizar o impacto negativo e maximizar o impacto positivo do petróleo no balanço de pagamentos, e, por fim, apóiam suas respectivas companhias para garantir estas duas primeiras metas e “também porque essas companhias muitas vezes são importantes potências.” (p. 30)

Não foi somente nos EUA que existiu essa relação tão íntima. Na Inglaterra de 1908, Winston Churchill, quando primeiro Lord do Almirantado (a Marinha era a principal compradora de petróleo, ainda mais num período de preparação da I Guerra Mundial), travou amizade com Henry Deterding, da Royal Dutch-Shell. Em contato estreito com este truste, “Churchill foi uma das forças propulsoras que fizeram do petróleo um fator notável da política mundial. Disso temos hoje inúmeras provas.” (Rasche, s/d: 50 e 51)

Até o Fundo Monetário Internacional, que em princípio poderia parecer neutro, jogou a favor dessas companhias e de seus governos, não emprestando dinheiro a países subdesenvolvidos para investimento no setor de petróleo. Ainda, para favorecer os trustes internacionais, “aconselhava” estes países a não utilizarem seus poucos recursos em empresas estatais de petróleo. (Tanzer, 1972: 33)

A aceitação da relação simbiótica entre as companhias petrolíferas internacionais e seus governos centrais é indubitavelmente fortalecida por dois fatores. Primeiro: tanto os governos como as companhias petrolíferas operam dentro das estruturas conceituais que defendem a livre empresa e a propriedade privada. Segundo: isto se torna ainda mais expressivo pelo fato de haver um fluxo bidirecional de pessoal entre o governo e as companhias petrolíferas internacionais. (Tanzer, 1972: 73)

Apesar dessa “relação simbiótica”, os trustes internacionais ainda assim reforçaram suas posições em 1928, quando formaram o cartel do petróleo.¹⁴ Num momento em que a produção do Oriente Médio ameaçou inundar o mundo com petróleo rebaixando seus preços, os sócios da Iraq Petroleum – Royal Dutch-Shell, British Petroleum e Standard Oil of New Jersey (Esso) – reuniram-se no Castelo de Achnacarry, na Escócia, e definiram pontos comuns para segurar a produção e conseqüentemente os preços e os lucros. Dividiram mercados, fontes de produção, transporte e distribuição em todo o mundo (com exceção da URSS). (O’Connor, 1962: 442 e 443; Mangabeira, 1964: 21 e Galarza, 1970: 36)

¹⁴ Segundo Hilferding (1973: 389), em tempos de depressão há um risco maior de formação de cartéis, como uma forma dos grandes capitalistas atenuarem, para si, a crise do sistema. “El cartel es una comunidad de intereses, a ser posible de todas las empresas, con el fin de aumentar los precios, y, con ello, el beneficio, mediante la exclusión más completa posible de la competencia. Por consiguiente, el cartel es una comunidad de intereses monopolistas.” (1973: 218)

As “7 irmãs”, como ficaram conhecidas – pois às três companhias juntaram-se depois a Standard Oil of Califórnia (Socal), a Standard Oil of New York (Socony ou Mobil), a Texas Oil Co. (Texaco) e a Gulf Co. -, combinaram uma forma de cálculo do preço do petróleo que o tornava lucrativo todo o tempo em todo o mundo:

O preço de todo petróleo, onde quer que fosse vendido, fosse lá por quem fosse, era baseado sobre o preço de custo do petróleo do Texas, o mais caro de todos, mais um benefício reputado normal, mais uma tarifa média de transporte para o país que fosse. É evidente que um tal sistema aplicado aos petróleos brutos baratos da Venezuela ou do Golfo Pérsico carregava somas fantásticas – das quais uma boa parte era utilizada para fins de propaganda, de espionagem, de revoluções, de pressões políticas e tráficos de influência diversas (...) (Bergier, s/d: 168 e 169)

Desta maneira, se o petróleo fosse levado do norte da África para a Europa, por exemplo, ainda que em viagem breve pelo Mediterrâneo, o consumidor pagaria um preço levando em conta o transporte a partir do Texas, cruzando todo o Atlântico. E quando se falava em “preços internacionais”, no Brasil ou em qualquer outro país, era exatamente isso que se queria dizer: o preço do barril calculado como se viesse do Texas, e não de alguma jazida nativa. A expressão “preços internacionais”, neste sentido, significava pagar o preço mais alto pelo barril de petróleo, o que vigorou de 1928 até final dos anos 50. É assim também que devem ser entendidos os esforços dos trustes para dominar as reservas de petróleo no mundo todo, particularmente da América do Sul, e deixá-las guardadas estrategicamente para exploração futura quando as zonas em exploração estivessem em vias de escassear. Segundo O’Connor, a criação do cartel representou, num plano mundial, o que a Standard Oil Trust realizara, em 1880, no plano interno nos EUA: evitar a superprodução, a guerra de preços, a expansão demasiada das refinarias etc.¹⁵ (1962,: 443)

Das “7 irmãs”, cinco eram dos EUA, formando o “pentágono petrolífero” (GALARZA, 1970, p. 34), sendo três da “família” Rockefeller: A Esso (Standard Oil of New Jersey), a Mobil (Standard Oil of New York, ou Socony) e a Socal (Standard Oil of Califórnia). Segundo Sardenberg (1977: 139), os países possuidores das maiores reservas de petróleo, por força do cartel, permaneciam ainda, nos idos de 1970, “nações atrasadas, subdesenvolvidas, onde populações miseráveis pisam sobre terras de fabulosas riquezas.” No começo dos anos 70, no entanto, “os governos dessas nações começaram a assumir o controle do seu

¹⁵ Lênin (1982: 35) sintetizou bem, ao afirmar que “Os capitalistas dispersos acabam por constituir apenas um único capitalista coletivo.”

petróleo, no momento em que já se antevê o esgotamento das reservas.” Estes governos levariam, ainda, a culpa pelo alto preço do petróleo:

As transnacionais, em conclusão, passaram por tudo esplendidamente. Capturaram o petróleo e o distribuíram para que o mundo o queimasse à larga. Quando esse petróleo barato entrou em perspectiva de escassear, e surgiu a hora dos investimentos caros no Alasca e Mar do Norte, motivo pelo qual seus preços necessariamente haveriam de subir, “passaram” aos governos locais o “trabalho sujo” de decretar os aumentos. (Sardenberg, 1977: 139)

Mesmo contando com o apoio decidido de governos centrais, e até com a formação do cartel, os grandes trustes utilizaram também o boicote como forma de pressionar países exportadores e importadores de petróleo. No primeiro caso, para tentar reverter processos de nacionalização desse recurso mineral, as companhias pressionaram a Rússia a partir da Revolução de 1917, o México e a Bolívia, por causa das nacionalizações de 1938 e o Irã, pelo mesmo motivo, com a nacionalização ocorrida em 1951. Neste último, essas ações resultaram, com o apoio dos governos centrais, na queda do governo e no restabelecimento dos interesses dos trustes no país em 1953. No segundo caso, um exemplo de boicote a um país importador foi o da Itália, por conta da invasão da Etiópia em 1935, e, o boicote mais famoso lançado sobre um país subdesenvolvido e importador de petróleo foi contra Cuba, por causa da Revolução de 1959. (Tanzer, 1972: 271 a 312)

Muitos obstáculos foram enfrentados e afastados pelos trustes a fim de satisfazer o insaciável apetite de lucros e poder, porém, segundo O'Connor, “O único perigo – mais seriamente ameaçador – é a mobilização dos povos e das nações. As companhias enfrentam isso resolutamente, às expensas do Tesouro público, amontoando armas sobre armas.” (1959: 28) Para Frondizi, foi a questão do petróleo que teria despertado “a consciência nacional antiimperialista” no mundo todo. (1956: LVII)

A Standard Oil Co.

Diz O'Connor que “Drake extraiu o petróleo da terra, mas John D. Rockefeller extraiu o dinheiro do petróleo.” (O'Connor, 1959: 29) De fato, o primeiro truste de petróleo foi organizado por John Rockefeller em 1870. Os métodos utilizados para construir seu império arripiariam qualquer liberal, mesmo os menos ortodoxos. A partir da idéia de dominar a indústria do refino, e, depois, dos meios de transporte, alcançou em pouco tempo o controle de boa parte do petróleo produzido nos EUA, lançando depois seus tentáculos a outros países da América e de outros continentes. Corrupção, ruína de concorrentes, crises

de desemprego, práticas de comércio predatórias e ilegais, entre outros, foram os expedientes utilizados para construir o primeiro império petrolífero mundial, contrastando com seu depoimento explicando seu sucesso: “‘Aplicação, trabalho árduo, cérebro claro, economia e confiança em si mesmo, eis as chaves para o êxito.’” (Zischka, 1936: 158)¹⁶

Rockefeller eliminou os refinadores independentes de petróleo em 1872, ao adquirir 21 das 26 refinarias da região de Cleveland. Conforme a Standard Oil of Ohio crescia, diminuía o poder de resistência dos pequenos refinadores, que tinham as opções de vender suas refinarias, a preço abaixo de seu real valor, ou se associar a Rockefeller. Em 1874, o empresário voltou-se às refinarias de Pittsburgh, Nova York, Filadélfia, Virgínia e sul de Ohio, de forma que, em 1875, cerca de 1/5 das refinarias norte-americanas estavam sob seu controle. (Marinho Jr., 1989: 18 e 19) Segundo Bergier (s/d: 37), como havia muitos produtores e refinarias, havia também milhares de variedades do produto, daí a idéia de oferecer ao público um produto *standard*, ou seja, de qualidade padronizada e confiável. Mas, para isso, “a Standard Oil recebia das emprêsas ferroviárias informações confidenciais sôbre a quantidade de petróleo despachado pelos competidores e nomes dos seus clientes. Em seguida, propunha a êstes a venda do produto por preço inferior, eliminando, desta forma, os seus rivais.” (Victor, 1970: 42)

Com relação ao transporte, Rockefeller completou sua “integração horizontal do refino” em 1878, quando se lançou à conquista do único meio de transporte à longa distância, e, por isto, o setor que mais lucrava, pois cobrava tarifas altas que deixavam para trás produtores e refinadores. “O monopólio do grupo Standard Oil seria a consequência direta do seu contrário, a violenta concorrência existente entre as ferrovias.” (Marinho Jr., 1989: 20) Assim, em 1876 a companhia já controlava troncos ferroviários importantes, e, quando empresas do setor juntaram-se para enfrentar o poderio de Rockefeller, o resultado foi uma concorrência brutal que levou empresas à bancarrota e à anexação pela Standard por preços irrisórios. (Idem: 20)

Se em 1870, no ano de sua fundação, a Standard Oil respondia por 3% do petróleo refinado nos EUA (Victor, 1970: 40), em 1880 já controlava 90% da produção de petróleo e derivados (Marinho Jr., 1989: 23 e Sardenberg, 1977: 141):

Em 1882, no Govêrno de Chester Arthur, a Standard Oil já era uma poderosa organização petrolífera, tendo eliminado os seus principais concorrentes, através dos métodos mais inescrupulosos. Era uma associação de quarenta e cinco emprêsas, entre elas a Standard Oil of New Jersey, fundada em 2 de janeiro daquele

¹⁶ Depoimento de John Rockefeller a Anton Zischka, reproduzido em sua obra (Zischka, 1936: 157 a 161).

ano. Elas se subdividiam em dezenove sociedades, as quais mantinham o controle de outras vinte e seis, sob a presidência de John Rockefeller. (Victor, 1970: 43)

Em 1882 foi criada a Standard Oil Trust, resultado da fusão de quarenta companhias sob o comando de Rockefeller. Lembremos que a palavra trust (to trust) significa ter confiança, ou seja, “as partes em questão confiam na direção que em seu lugar toma decisões importantes.” (Bergier, s/d: 37 e 38). Em 1897 o nome foi mudado para Standard Oil of New Jersey, tornando-se à época a companhia mais poderosa do mundo.¹⁷

Para desbancar a concorrência nos mercados europeu e extremo-oriental, Rockefeller tentou em 1898 comprar parte das ações da Royal Dutch na bolsa de Amsterdã, objetivando controlar esta empresa no futuro. A operação fracassou graças ao banco dos irmãos Rothschild, que socorreu Henry Deterding (Rasche, s/d: 48), mais em razão de suas diferenças e pela competição com Rockefeller do que por alguma admiração pessoal pelo presidente da Royal Dutch. Daí para frente, no entanto, fariam negócios e se tornariam mais próximos.

Para escapar da lei antitruste, a Standard utilizou a compra de parlamentares e tribunais, o que, mesmo assim, não evitou algum aborrecimento (como o pagamento de pequenas multas e outras penalidades), apesar de que, quando se tratava de explorar outros países, o apoio do governo norte-americano não lhe foi negado. (Sardenberg, 1977: 141)¹⁸ Em 1907, segundo Mário Victor, no governo de Theodore Roosevelt a Standard Oil foi a empresa com maior número de acusações nos tribunais do país, tendo em 1911, por força da acusação de cercear a livre atividade e violação da lei antitruste (o ato Sherman), a pena de dissolver o conglomerado. Àquela altura, Rockefeller controlava 115 empresas, e o truste se dividiu em 33 corporações¹⁹ (Victor, 1970: 45 e 46), das quais as mais conhecidas são a Standard Oil of New Jersey (conhecida como Esso e também Exxon) e a Standard Oil of New York, ou pela abreviação Socony, também conhecida como Mobil. “Entre as maiores companhias petrolíferas do mundo, a Exxon é a primeira, a Mobil, a terceira. E embora separadas, persiste a predominância da família Rockefeller nas duas empresas.” (Sardenberg, 1977: 141)

¹⁷ Em sua obra sobre o imperialismo, Bukharin cita a Standard Oil Co. como um dos dois grandes e principais trustes daquele momento. O outro seria a United States Steel Corporation. (1988: 61)

¹⁸ Além de uma preocupação de Estado nos EUA, o estabelecimento e conservação de reservas petrolíferas sem exploração no exterior por capitais norte-americanos foram reforçados por declarações, como a do Presidente Coolidge, em 1927, afirmando que “a pessoa e a propriedade de um cidadão (estadunidense) são uma parte do domínio da Nação, ainda quando esteja no exterior.” (Apud Frondizi, 1956: 193)

¹⁹ Para o nome completo de todas as empresas, ver Victor (1970: 46).

O presidente Theodore Roosevelt era inimigo fidalgo, irreconciliável, do truste Standard. Rockefeller havia transferido a empresa matriz de Ohio para Nova Jersey, porque lá as leis não eram executadas com tanta severidade. (Rasche, s/d: 144)

Na Venezuela, a Standard apresentava-se como Creole Petroleum, e, em 1960, esta contribuiu com um terço dos lucros do conglomerado (205 milhões de dólares). Na Colômbia, adotou o nome de Tropical Oil, e tinha em mãos a principal zona produtora; no Canadá, a Imperial Oil controlava 17% da produção nacional. Na Arábia Saudita, a produção nacional era monopolizada pela Aramco (Arabian American Oil Company), um consórcio de trustes, e a Standard tinha 30% de seu capital. Ainda nessa região, controlava 20% do capital da Irak Petroleum, que nos anos 50 conseguiu lucros anuais da ordem de 200 milhões de dólares. Na Indonésia, o controle da Standard subia a 50% dos capitais investidos na indústria petrolífera, além de refinarias construídas na então Alemanha Ocidental, França, Inglaterra, Holanda, Noruega, Austrália, Filipinas e Japão. (Galarza, 1970: 36 e 37)

No Brasil, como o monopólio da Petrobrás não se estendia à distribuição, esta se encontrava nas mãos da Standard Oil of New Jersey, Shell, Gulf, Texaco e Atlantic, e algumas firmas locais pequenas. (O'CONNOR, 1962: 190 e 191) Outro tentáculo da Standard Oil era a Pan American International²⁰, subsidiária da Standard de Indiana (O'CONNOR, 1962: 215).

O truste de Rockefeller tinha extensões em outros ramos, como fazendas de gado e de arroz na Venezuela, de café no Equador, hotéis em Porto Rico e bancos, como o Chase Manhattan, fundações, empresas de urbanização e ações em bancos estrangeiros.²¹ (Galarza, 1970: 38 e 39) Segundo a Revista Fortune, de maio de 1970, somente a Standard de New Jersey, a de New York e a da Califórnia teriam um capital da ordem de quase 19 bilhões de dólares, com um lucro líquido, no mesmo ano, de quase 2 bilhões de dólares. (Galarza, 1970: 45)²²

²⁰ A Pan American é a empresa que durante o governo de Juscelino Kubitschek foi favorecida pela ação de Roberto Campos, que tentou associá-la com empresas brasileiras a fim de explorar o petróleo boliviano por meio dos Acordos de Roboré, como ficaram conhecidos os acordos assinados entre Brasil e Bolívia em 1958 para exploração de petróleo naquele território. Ver Vilarino (2006b).

²¹ "Na América, 2 bancos têm o monopólio em suas mãos: o National City Bank (Rockefeller) e o National Bank of Commerce (Morgan). Deles depende, sob múltiplas formas, uma infinidade de empresas industriais e de bancos ligados entre si." (Bukharin, 1988: 65) Mais à frente, com dados de Nazarevsky (sem referência), este autor afirma que Rockefeller tinha 3350 bancos como clientes, e Morgan outros 2757. "Sem eles, nenhum outro truste pode formar-se. É o 'monopólio da produção dos monopólios' (monopoly of monopoly making)."

²² Esses números são parecidos em toda a historiografia, variando apenas porque são tomados, em cada obra, anos diferentes para apontar-se capital e lucro líquido da Standard Oil Co.

A rejeição ao seu nome era tamanha, que Rockefeller contratou um profissional para melhorar sua imagem, e daí a criação de uma fundação e de algumas obras assistenciais para mostrar-se mais humano ao público. Bergier (s/d: 38) afirma que ele teria sido o criador do primeiro *relações-públicas*. Ainda assim, a imagem de Rockefeller ficou associada ao empresário que não poupou esforços, dinheiro, sangue (dos outros) e influência para concentrar capital e negócios em torno da indústria petrolífera.

Bibliografia

- BERGIER, Jacques (s/d). *A Guerra Secreta do Petróleo*. São Paulo: Hemus.
- BUKHARIN, Nikolai (1988). *A economia mundial e o imperialismo: esboço econômico*. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural.
- FROLA, Francisco (1955). *Sangue e Petróleo*. São Paulo: Martins.
- FRONDIZI, Arturo (1956). *Petróleo y Política – contribución al estudio de la historia económica argentina y de las relaciones entre el imperialismo y de la vida política nacional*. 2ª edição. Buenos Aires: Raigal.
- GALARZA, Jaime (1972). *El Festín del Petróleo*. 2ª. Edição. Quito: Cicetronic Cia. Ltda.
- HARVEY, David (2004). *O novo Imperialismo*. São Paulo: Loyola.
- _____ (2005). O ‘novo imperialismo’: ajustes espaço-temporais e acumulação por desapossamento. *Lutas Sociais*, n. 13/14, São Paulo.
- HILFERDING, Rudolf (1973). *El capital financiero*. Madrid: Editorial Tecnos.
- HOBSON, John A. (1981). *Estudio del imperialismo*. Madrid: Alianza Editorial.
- IANNI, Octávio (1973). Diplomacia e imperialismo na América Latina. *Cadernos CEBRAP*, n. 12, São Paulo.
- LÊNIN, Vladimir (1982). *Imperialismo - fase superior do capitalismo*. 2a. edição. São Paulo: Global.
- LUXEMBURG, Rosa (1985). *A acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. 2a. edição. São Paulo: Nova Cultural.
- MANGABEIRA, Francisco (1964). *Imperialismo, petróleo, Petrobrás*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARINHO JR., Ilmar Penna (1989). *Petróleo: política e poder*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- O’CONNOR, Harvey (1959). *O império do petróleo*. Rio de Janeiro: Zahar.

- _____ (1962). *O petróleo em crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- RASCHE, Emil (s/d). *A sexta potência – homens e nações em luta pelo petróleo*. São Paulo: Melhoramentos.
- SARDENBERG, Carlos Alberto (1977). Uma pequena história dos grandes grupos de petróleo. In: KUCINSKI, Bernardo (Coord.). *Petróleo: contratos de risco e dependência*. São Paulo: Brasiliense.
- SCHUMPETER, Joseph (1961). Sociologia dos Imperialismos. In: *Imperialismo e classes sociais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- TAMER, Alberto (1980). *Petróleo: o preço da dependência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- TANZER, Michael (1972). *Os trustes petrolíferos e os países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- VILARINO, Ramon Casas (2006a). O petróleo é nosso? *CartaCapital* na Escola. Edição n. 6. São Paulo: Editora Confiança, maio-junho.
- _____ (2006b). *Os Acordos de Roboré – Brasil, Bolívia e as questões do petróleo, desenvolvimento e dependência no final dos anos 1950*. Tese, Doutorado, Ciências Sociais: Política. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- WEBER, Max (1971). Los fundamentos económicos del ‘imperialismo’; Esencia, supuestos y desarrollo de la dominación burocrática. In: *Economía y Sociedad*. Tomo II. Havana: Instituto Cubano del Libro.
- ZISCHKA, Anton (1936). *A guerra secreta pelo petróleo*. Porto Alegre: Globo.